

# O *gauche* como expressão da modernidade na obra de Drummond

Samira Massad Borges\*

Betina R. Rodrigues da Cunha\*\*

---

**Resumo** – No presente artigo, o *gauche* é analisado como uma criação de Drummond, podendo ser concebida como uma estratégia poética que faz funcionar uma representação do sujeito moderno: sujeito que sofre em face às questões que lhe dizem respeito uma vez circunscrito a uma dada situação sócio-histórica nomeada de Modernidade. Demonstra-se esse funcionamento em poemas selecionados na coletânea “Sentimento do Mundo”. A análise realizada sobre alguns desses poemas permitiu relacionar o “*gauche*” como uma personagem representativa do próprio autor, impelido a cumprir um papel – o de poeta e de revolucionário – diante da Modernidade.

**Palavras-chave:** Carlos Drummond de Andrade, *gauche*, modernidade, representação.

---

“Portanto, é possível  
distribuir minha solidão,  
torná-la meio de conhecimento.”

Carlos Drummond de Andrade,  
“*América*”

## 1) Introdução

Solidão, poesia, conhecimento. Se Drummond, nessa epígrafe, fala de solidão, é, por um lado, a convivência suave e dolorosa que vai proporcionar-lhe o nascimento da poesia; uma poesia que, por outro lado, está alicerçada na experimentação sensível e no conhecimento de si próprio.

É esse conhecimento que se apresenta para o poeta como estímulo da vivência interior e se apresenta para nós – pesquisadores e amantes da obra drummondiana – como razão de investigação e reconhecimento dos elementos e características que determinam a sua poética.

O sentimento que o poeta tem do mundo é expresso através da imanência de seu corpo solitário e rebelde, da escolha por temas da vida presente, de sua visão e relação com a solidariedade humana. O sentimento do poeta em relação ao mundo não surge de uma situação isolada; ele é originado por uma história pessoal, social, afetiva e existencial, cujo resultado afeta a realidade e existência do eu lírico.

Drummond se nega a compactuar com uma realidade em que o sofrimento do próximo é ignorado, onde a angústia predomina como sentimento comum. Não aceita viver na indiferença entre os homens e não consegue conviver com ela. Nega-se a coexistir, sem nenhuma manifestação contrária, em um mundo onde as soluções dos problemas mais urgentes não são alcançadas por falta de interesse de uma minoria.

Agora a vida é apenas uma ordem, sem o prazer de grandes realizações, sem a vivência de sentimentos bons e sinceros: “A vida apenas, sem mistificação” (ANDRADE, 2005, p.57). Drummond chega à maturidade poética e exerce sua tarefa como um dos maiores expoentes do Modernismo Brasileiro. As influências múltiplas da modernidade estão expostas em sua obra, na qual o *gauche*<sup>3</sup> foi criado pelo autor como reação a esse contexto. Ele seria um “personagem” criado com a intenção de caminhar livremente pelo próprio palco poético e expressar as angústias do sujeito moderno.

A partir desse rápido panorama, sustenta-se o presente artigo, que teve por finalidade analisar, na obra de Carlos Drummond de Andrade, o *gauche* como uma encenação diante do contexto da modernidade: pesquisar sua tentativa de adaptação e inserção no mundo caótico, diante de uma realidade inquietante; observar as angústias e incertezas, trazidas pela modernidade, em sua poética; enfim, relacionar a temática da modernidade com a produção poética de Drummond.

Carlos Drummond de Andrade é poeta de grande importância para a Literatura Brasileira; sua obra abre-se para captar os resultados dos acontecimentos sociais do século XX através de uma auto-análise e de um lúcido olhar. Porém, se por um lado é escritor extremamente individual, por outro, Drummond soube dar a sua poesia notações populares, captando a realidade simples e cotidiana do homem moderno; ele faz dessa realidade um rico material de expressão poética. Dessa

forma, é pertinente estudar as influências da modernidade em sua obra sob a ótica do *gauche*.

O artigo aborda, inicialmente, a questão da Modernidade e o Modernismo, dando relevância a acontecimentos históricos e sociais no Brasil e no mundo que compõem a temática moderna: apresenta-se uma análise do impacto provocado por esses acontecimentos sobre a sociedade como um todo e sobre a subjetividade do homem. Em seguida, aborda-se o poeta Carlos Drummond de Andrade: sua importância e seu papel na Literatura Brasileira e no Movimento Modernista; as singularidades do autor, a linha de trabalho, que influências sofreu e a “finalidade” de sua poesia. Na terceira parte do artigo, aborda-se a questão do *gauche*, privilegiando os seguintes aspectos: sua origem, a finalidade de sua existência, seu percurso poético e seu papel na poesia de Drummond.

Para o propósito desse artigo, fez-se necessária a seleção de partes da obra do autor, tendo sido selecionada a terceira coleção de versos de Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*. Em relação a essa obra, foram analisados dois poemas emblemáticos que expressam a temática da modernidade e suas complexidades.

As considerações finais foram feitas a partir de uma análise global do trabalho e contêm a síntese das questões propostas e suas conclusões, assim como a avaliação dos estudos desenvolvidos e expostos ao longo do artigo, além de uma síntese a respeito da discussão realizada.

## **2) Modernidade e Modernismo**

### **2.1. Panorama dos acontecimentos históricos importantes para a formação da Modernidade**

Existem contradições quanto ao estabelecimento do início e do fim da Idade Moderna entre os estudiosos; contudo, não figura como objetivo deste trabalho definir exatamente as datas que estabelecem esse período na história. Entretanto, ao se fazer uma pesquisa detalhada, observa-se que o pós-moderno é tomado como

continuação das tendências modernas; as fronteiras entre ele e o moderno se diluíam, tornando-se desnecessário, para o propósito a ser alcançado por este trabalho, determinar uma separação entre pós-moderno e moderno. Em verdade, faz-se necessário verificar, através da história, as mudanças ocorridas no contexto mundial, cuja influência afetou as produções literárias modernas. Portanto, faz-se pertinente relatar alguns acontecimentos históricos importantes para a formação da vida moderna.

O Renascimento foi uma ruptura com os modos de pensar do homem e suas atitudes perante a vida, resultando em uma magnífica produção intelectual. Destacam-se entre suas características o Humanismo e o Antropocentrismo. O primeiro valorizou o espírito de pesquisa e os métodos de observação responsáveis pela criação da ciência moderna; já o Antropocentrismo colocou o homem no centro das preocupações e o tornou determinado a resolver os problemas que a vida lhe apresentava, deixando de lado a idéia amplamente difundida na Idade Média de que tudo o que acontecia era “graças a Deus”.

Em meio a tais transformações, vários outros acontecimentos mudaram a história da humanidade. As Reformas foram cisões, com desdobramentos políticos e culturais, dentro da Igreja Católica, originando o Protestantismo. Em contrapartida, a Igreja Católica organizou a chamada Contra-Reforma com a intenção de restabelecer o poder enfraquecido nos locais onde ocorreram as manifestações protestantes.

Um dos movimentos mais importantes da História foi o Iluminismo, que provocou várias mudanças em toda a civilização. Segundo sua doutrina, o homem deve se guiar pelas luzes da razão. Crenças até então estabelecidas como inatacáveis foram colocadas sob o crivo da razão por alguns pensadores da época. Jean-Jacques Rousseau defendia a igualdade social: segundo ele o objetivo de toda organização política e social é salvaguardar os direitos de cada um; portanto, todo indivíduo deve submeter-se à vontade da maioria. Suas idéias influenciaram diretamente os principais articuladores da Revolução Francesa.

François Marie Arouet Voltaire foi chamado de “O Demolidor” por suas críticas à religião; ele foi um grande protagonista da incredulidade. Aceitava qual-

quer forma de governo desde que fosse preservada a liberdade de pensamento e expressão. Outro importante pensador do Iluminismo foi Charles de Secondat, o Barão de Montesquieu, que defendia a divisão de três poderes independentes: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Já John Locke defendia a superioridade do Legislativo sobre o Executivo. Com esse pensamento, tornou possível a criação de uma nova forma de governo denominada Monarquia Parlamentarista que inspirou a Revolução Gloriosa, movimento responsável por tornar a Inglaterra o primeiro país a encerrar o absolutismo monárquico.

A Revolução Francesa foi um movimento motivado pelas idéias de Rousseau; o ideário iluminista propunha um governo representativo no qual houvesse igualdade, liberdade e fraternidade. O absolutismo na França era caracterizado pela desigualdade social, em que o Clero e a Nobreza eram classes altamente privilegiadas e não pagavam impostos. Cabia ao Terceiro Estado, formado por burgueses, camponeses, artesão e servos, arcar com as taxas impostas pelo governo. Como consequência, desenvolveu-se uma crise econômico-financeira agravada durante o reinado de Luis XVI, o que produziu sua queda, o fim do absolutismo na França e a tomada do poder pela burguesia.

Entre os acontecimentos decisivos da modernidade está a Revolução Industrial. O processo de transformação tecnológica motivou a alteração do sistema produtivo, onde as ferramentas e o trabalho manual foram substituídos pela utilização de máquinas, dinamizando de forma extraordinária o processo produtivo dos artigos manufaturados. Expandem e especializam-se as atividades econômicas através de inovações na área industrial e na área de transportes, com a implementação do barco e da locomotiva a vapor.

Ideologicamente, essa fase baseou-se nas convicções do liberalismo econômico e no individualismo. Os liberais propunham a minimização da interferência do Estado na economia, pois a eficiência econômica só poderia ser alcançada em sua plenitude com o livre mercado.

Surge então o imperialismo econômico caracterizado pela disputa entre as potências industriais por fontes de matéria-prima e mercados consumidores. Constituem-se novas classes sociais e novas formas de organização social; o operariado

industrial e a classe média urbana tornam-se forças políticas significativas.

A burguesia, antes dominada e submissa às vontades da Nobreza e do Clero, agora detém o capital, transforma-se em classe dominante e opressora do proletariado. Surgem novos movimentos sociais e políticos em favor da igualdade de condições materiais, o que implicaria no fim da sociedade de classes. Entre os precursores de tais movimentos está Karl Marx, co-autor do “Manifesto Comunista”, um dos principais textos políticos do mundo moderno. Podemos observar uma das idéias fundamentais deste texto no seguinte trecho:

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas. (MARX & ENGELS, 1997, p. 9)

Repetir com Marx “tudo que é sólido se desmancha no ar” não é suficiente para a análise conceitual da modernidade. É necessário verificar como acontece tal fato e saber explicar essa desintegração. Segundo Ortega (1916 apud KUJAWSKI, 1991, p.19) a substância da modernidade está no enriquecimento, não só econômico, mas, primeira e essencialmente, no enriquecimento vital, isto é, na abundância de possibilidades de vida. O enriquecimento, como expansão da vida, rompe com o modo de pensar tradicional. Atos coletivos, tradicionais, nos quais o homem não era protagonista são colocados em questão. O enriquecimento fomentou a individualidade das pessoas. O indivíduo encontra-se solitário, apoiado apenas nos recursos de sua mente, tentando reconstruir sua realidade nos escombros do mundo tradicional, inventando um novo universo para si mesmo. O racionalismo é que fornece os novos princípios vigentes no mundo moderno para que o sujeito sustente sua individualidade.

A política da modernidade foi dominada pela utopia: a idéia do paraíso terrestre, a perfeição incorporada ao tempo humano, o anúncio de liberdade e igualdade para todos os homens, como se bastasse decretá-lo para que se tornasse

realidade. Posteriormente, através do socialismo, acredita-se no fim das contradições que tornam a sociedade heterogênea como se o fator político pudesse garantir felicidade. A arte, por sua vez, foi utópica quando tentou revolucionar o mundo e o homem através da estética.

A *belle époque*, período situado imprecisamente entre o final do século XIX e início do século XX, teve dois pólos dominantes: Paris e Viena, cidades nas quais se desenvolveu uma intensa atividade cultural. É caracterizada como um período de profundas transformações no cotidiano do homem, as quais se apresentam como conseqüências dos avanços da ciência e da tecnologia. Certos privilégios anteriormente restritos a uma minoria, como telefone, geladeira, luz elétrica e banheiros privados, foram difundidos de maneira mais democrática. A classe proletária vê-se em uma situação menos aflitiva e angustiante. Os avanços da tecnologia transformam o avião, o automóvel e o metrô em elementos presentes na rotina da sociedade e proporcionam maior dinamismo à vida moderna. As grandes massas têm agora uma próspera visão do progresso, anteriormente visto como distante e inacessível. Quanto mais as novas invenções tornam-se acessíveis à maioria e os bens industrializados passam a fazer parte do consumo de um maior número de pessoas, mais a tão falada igualdade jurídica fundada pela Revolução Francesa é, de fato, conquistada. Nesse contexto, a democracia não é mais uma mera expectativa, ela se concretiza na realidade. As cidades aumentam sua área de ocupação e sua densidade demográfica. A *art nouveau* dá impulso à publicidade. Os heróis típicos da época são homens que fizeram grandes realizações, como Santos Dumont, por exemplo. Enfim, esse período apresenta-se em festa e com intenso otimismo.

A *belle époque* é também um período de avanço na comunicação, permitindo que as classes se relacionem e se encontrem em espaços comuns: na rua, nas praças, nos cafés, nos salões, nos restaurantes. Quase tudo vem ao conhecimento do público através da imprensa ou de outros meios de comunicação. A modernidade aperfeiçoou-se na prática pela Revolução Industrial e recebeu impulso da doutrina iluminista do progresso.

Nunca o europeu viveu tamanho clima de otimismo e segurança. Acreditava-

se que a paz dentro da sociedade, a harmonia entre nações e a continuidade do progresso eram garantias conquistadas para sempre. Porém, a *belle époque* é marcada por ambigüidades. Ao mesmo tempo em que aplaude a ascensão das massas e difunde a democracia, mostra-se fechada no esnobismo da alta sociedade. Percorre um caminho direto em direção ao progresso, mas, se perde nas maneiras confusas da *art nouveau*.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 pôs fim ao excesso de otimismo característico da *belle époque*. Revelou-se então o sentido ilusório dos valores ideológicos do período. Os avanços da tecnologia não traziam como consequência o aperfeiçoamento do ser humano em seu aspecto moral.

O reconhecimento da realidade e o final repentino da *belle époque* revelaram uma visão de mundo angustiante chamada modernidade, agonia que vivenciamos no presente e que, de acordo com Kujawski (1991), define a crise do século XX.

No âmbito do pensamento, o início do século XX assistiu a uma verdadeira revolução em virtude da obra de alguns pensadores como Freud e Einstein: estes apontaram novas concepções de realidade, colocando em crise o racionalismo positivista antes dominante. A psicanálise, criada por Freud, mostra a importância do inconsciente no processo de regulação psicológica do indivíduo, chamando atenção para as zonas ainda não estudadas da mente humana, valorizando as experiências e entendimentos individuais, que não podem ser compreendidos somente por mecanismos racionalistas. Essa crise no racionalismo repercutiu no campo da criação artística, levando os artistas a proclamarem a autonomia da obra de arte em relação à realidade. Nesse contexto, surge uma série de novas correntes artísticas conhecidas como vanguardas européias.

O termo vanguarda originou-se da expressão francesa “*avant-garde*”, cuja tradução é “guarda de frente”. Antes, essa expressão era vinculada às operações militares, depois passou a ser usada para designar movimentos artísticos que se projetavam à frente do seu tempo por suas características inovadoras.

Entre os movimentos de vanguarda destacavam-se o Cubismo, que visava descrever os objetos em sua totalidade e, para tanto, deveriam ser divididos em planos geométricos; o Expressionismo, cujo surgimento foi uma reação ao

refinamento impressionista: ao invés de reproduzir as impressões da realidade, propunha transfigurá-la, deformá-la para expressar a interioridade do ser humano; e, ainda, o Surrealismo: movimento no qual os artistas, influenciados pela teoria psicanalítica de Freud, procuravam retratar as manifestações espontâneas do inconsciente em suas obras.

## 2.2) O Modernismo no Brasil

Influenciados pelas Vanguardas Europeias, os artistas brasileiros organizaram um movimento que se consolidou em 1922, com a Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo. Esta semana foi o marco inicial do Modernismo Brasileiro que introduziu na cultura do país uma concepção de vanguarda, abriu espaço para a liberação artística e revolucionou a literatura. Tal movimento negava a tradição cultural, pregava o uso da linguagem coloquial, do verso livre e o nacionalismo crítico. A visão do herói nacional é diferente da romântica; esta pode ser observada, por exemplo, na obra de Mário de Andrade: em *Macunaíma*, em que o personagem principal tem não só qualidades, mas desvios de caráter e outras características que funcionam como uma crítica a certos aspectos culturais do povo brasileiro. A burguesia brasileira também é muito criticada nas obras modernas. Com espírito polêmico e destruidor, as produções desse período continham ironia, sarcasmo e irreverência. Desse movimento participavam escritores que procuravam lançar no Brasil uma nova visão de mundo e abrir os caminhos para a arte nacional. Através do incentivo ao antipurismo, as importações culturais (novamente da Europa) influenciam a produção das artes no país, porém, desta vez, sem o caráter de modelo a ser imitado.

O primeiro período modernista compreende a produção que se desenvolveu ao longo da década de 1920 e tornou-se conhecido como “Geração de 22” ou “Fase Heróica”. Dentre os mais expressivos autores desta fase podemos citar: Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Manoel Bandeira, Raul Bopp, Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia. Com uma atitude destruidora e polêmica, esta

geração ataca o tradicionalismo e procura inspiração na realidade da vida urbana, nos aspectos da sociedade moderna, além de recuperar o folclore e o indianismo. Entretanto, é importante ressaltar que a abordagem da questão indianista neste período nada tem em comum com aquela observada durante o Romantismo, sobretudo nas obras de José de Alencar.

Esta fase do modernismo é caracterizada pelo repúdio ao passado literário em relação ao formalismo e à linguagem refinada; por isso, abomina os poetas do Parnasianismo, o português casto, a busca pelo verso perfeito, o soneto. Era contra o passadismo e a poesia formal correta. A liberdade formal é valorizada através do verso livre e uso da linguagem coloquial. Poesia feita através de críticas, escárnio e irreverência. O poema *Ode ao burguês* de Mário de Andrade ilustra tais características:

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,

O burguês-burguês!

A digestão bem feita de São Paulo!

O homem-curva! O homem nádegas!

O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,  
é sempre cauteloso pouco-a-pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas!

Os barões lampiões! Os condes Joões! Os duques zurros!  
que vivem dentro de muros sem pulos;  
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos

para dizerem que as filhas da senhora falam francês  
e tocam o “Printemps” com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!

O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!

Fora os que algarismam os amanhãs!

Olha a vida dos nossos setembros!

Fará Sol? Choverá? Arlequina!!

Mas à chuva dos rosais

O êxtase fará sempre Sol!

Morte à gordura!

Morte às adiposidades cerebrais!

Morte ao burguês-mensal!  
Ao burguês-cinema! Ao burguês-tílburi!  
Padaria Suíssa! Morte viva ao Adriano!  
“— Ai, filha, que te darei pelos teus anos?  
— Um colar... — Conto e quinhentos!!!”  
Mas nós morreremos de fome!

Come! Come-te a ti mesmo, oh! Gelatina pasma!  
Oh! purée de batatas morais!  
Oh! cabelos nas ventas! Oh! carecas!  
Ódio aos temperamentos regulares!  
Ódio aos relógios musculares! Morte e infâmia!  
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!  
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,  
sempiternamente as mesmices convencionais  
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!  
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!  
Todos para a Central do meu rancor inebriante!  
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!  
Morte ao burguês de gíolhos,  
Cheirando religião e que não crê em Deus!  
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!  
Ódio fundamento, sem perdão!  
Fora! Fu! Fora o bom burguês!

Neste poema está retratado o espírito da primeira geração do Modernismo brasileiro. A forma como Mário de Andrade escreve a poesia, com sarcasmo e ironia é característica em suas produções. Faz uma “ode” à burguesia com críticas ferrenhas aos seus hábitos e estilo de vida. Aproveita, ironicamente, a semelhança entre as palavras ode e ódio para compor o título.

A segunda geração recebe a herança de 22 acrescentando a ela o aprimoramento da linguagem, a busca de expressão universal, o engajamento religioso e social, a recuperação de valores tradicionais e a denúncia das condições humanas.

Nessa geração, há notadamente no romance regionalista ambientado no nordeste o predomínio da prosa. A poesia procura novos rumos temáticos e estilísticos: ao lado do verso livre, a métrica tradicional é recuperada. A linguagem inovadora e coloquial da geração anterior mistura-se a uma lapidação lingüística. O caráter polêmico da “Fase Heróica” é abandonado em função do aprimoramento em relação aos aspectos universais e pessoais. Aqui, os autores voltam-se para preocupações de cunho humano e existencial. É durante essa fase que Drummond surge no cenário da literatura modernista, sendo apontado como uma das maiores expressões poéticas do momento.

### **3) Carlos Drummond de Andrade e a Literatura**

#### **3.1) O autor e a Literatura**

Nas gerações anteriores ao Modernismo, a formalidade era aspecto indispensável nas produções literárias; há ali uma busca por soluções tidas como mais importantes do que a obediência às ultrapassadas regras de metrificação, indispensáveis para a produção do verso perfeito. Para Drummond, não bastava a beleza de uma poesia técnica e formal diante da problemática do pós-guerra, da luta entre classes, da urgência de solidariedade entre os homens, da iminência de uma revolução socioeconômica e da ausência da igualdade socialista. O enigma para o homem e para a sociedade necessitava de verdadeiras soluções: “Mundo mundo vasto mundo./ Se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima não seria uma solução” (ANDRADE, 2002, p.5).

Entretanto, o poeta não se deixou guiar pelo espírito de destruição, característico da revolução literária de 1922. Ele faz parte da chamada geração de 30, cujos aspectos baseavam-se em outra filosofia, como já foi explicado. Por mais que seus versos revelassem traços de identidade com a primeira geração, Drummond não chegava a ser um autêntico representante do “desvairismo”. Os chamados versos-piada são um acidente em suas produções, tamanha era a seriedade do poeta:

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseja por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação (ANDRADE, 1944 apud MORAES, 1988, p. 17).

Porém, seu tom de humor não esconde o sentido crítico à literatura sem utilidade, vazia, sem o “sentimento do mundo”. Podemos interpretar as palavras desse autor como instrumento de luta. Ele enxergava, de sua posição como artista, uma função social, uma maneira de interferir na realidade, tornando sua existência útil na transformação das coisas humanas.

De acordo com Sant’anna (1992), ao contrário do que a maioria dos críticos de Drummond deixa transparecer, sua obra não é um amontoado de temas e assuntos. Seus principais tópicos só podem ser devidamente compreendidos quando correlacionados. O tempo não é apenas um dos temas que aparecem abundantemente em seus textos, é também a diretriz a partir da qual podemos organizar os estudos sobre os principais tópicos de sua poesia e observar o caráter sistêmico de sua produção poética. Nada em sua obra é desvinculado ou aleatório; é possível observar uma correlação entre as partes ajustadas em favor de um eixo central. Através da análise de suas produções poéticas, pode-se constatar seu caráter de continuidade.

Para aqueles que vêem a poesia de Drummond como uma obra segmentada, falta observar uma característica básica em seus textos: a encenação de um “personagem” (o *gauche*) que se disfarça em outros nomes e descreve uma ação contínua no tempo e no espaço. O poeta se diversificou com a intenção de conhecer os múltiplos aspectos de seu *ser* e, ao mesmo tempo, fazer uma autocrítica do próprio drama existencial.

Em seus estudos, Sant’anna concluiu que o drama existencial do *gauche* é dividido em três atos nos quais o personagem se relaciona com o mundo. No primeiro, permanece estático, num canto escuro, contemplando os acontecimentos como um telespectador, valorizando sua posição com uma atitude egocêntrica e irônica.

O segundo mostra o personagem já deslocado de seu canto, à medida que a realidade e as angústias do mundo se transformam num peso sobre seus ombros, ele começa a se sentir diminuído e luta, se debate entre escuridão e claridade. Descobre vários desdobramentos do tempo e inicia uma jornada pelo seu próprio *ser* em busca de respostas. Finalmente, no terceiro ato, o personagem tem maior controle, a poesia transformou-se numa organização de suas memórias reunidas através do tempo. Aqui, o sujeito *gauche*, que antes interagira com o mundo, encontra-se num relativo estado de equilíbrio.

Em seu primeiro livro, sem a menor intenção de unidade, Drummond se anuncia poeta de sete faces; ele não participa de nenhum programa, apenas contempla: isto é um elemento fundamental na sua solidão de indivíduo. Ele não pertence a um projeto ou a um grupo, está à margem. Um dos poemas mais ricos em significados desse volume é “Infância”, no qual ele fala de sua vida na fazenda e de sua admiração pela história de Robinson Crusoe. O meio rural é uma de suas faces, mas existem outras, como o desejo de civilização que aparece no mesmo livro quando chama a vida no interior de “besta”. O poeta se sente dividido entre a modernidade buscada e o passado com aspectos coloniais. Ao mesmo tempo, ama e nega Itabira, não sabendo bem o que fazer com as lembranças.

Nas produções seguintes, o espaço para esta tensão diminuiu, a Segunda Guerra Mundial trouxe graves conseqüências e tornou-se uma preocupação urgente e necessária. Não havia mais espaço para a visão inocente da infância e para o homem nacional, já muito explorado pelos primeiros modernistas. O sujeito moderno viu sua humanidade dilacerada pelos acontecimentos absurdos com os quais era obrigado a conviver como se fossem ordinários.

É então publicado o livro *Sentimento do mundo* (1940), no qual o poeta expressa suas angústias frente à situação vivida mundialmente. Nessa obra, Drummond declara a urgência em falar do presente, alerta para a necessária solidariedade entre os homens e se recusa a compactuar com um mundo que ignora os sérios problemas pelos quais está passando. Tais posições do poeta são claramente expressadas em “Mãos dadas”:

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens  
presentes,  
a vida presente.

Ainda nessa obra, no poema “Confidência do itabirano”, a infância e sua terra natal aparecem distantes, são apenas elementos que causam nostalgia: “Itabira é apenas uma fotografia na parede./ Mas como dói.”

Mais tarde, em 1968, é publicado o primeiro volume de *Boitempo*, no qual a infância reaparece com toda força; o poeta pode enfim falar de seu passado e fazer uma viagem de volta às suas origens, às experiências que fizeram parte de sua formação sem se preocupar com a formalidade estética e ainda aproveitar o clima da época. O título do livro foi feito pela justaposição de duas palavras que criou um neologismo. O boi é um animal ruminante, calmo, está associado a uma temporalidade tranqüila, característica do meio rural. Nesse livro, o autor, assim como o boi, remói suas recordações de menino, até então caladas.

Durante o Movimento Modernista, a infância ganhou um sentido extremamente importante. O retorno às lembranças de criança tornou-se uma forma de negar a rigidez do período anterior, na Literatura Brasileira. Ocupando um lugar de destaque no Modernismo, a infância não apareceu apenas como tema, mas principalmente como forma de linguagem, e uma maneira de enxergar a realidade com olhos inexperientes. As palavras com voz infantil ganhavam humor,

simplicidade, espontaneidade e uma visão ilógica do mundo.

Outro destaque na obra de Drummond foi a crônica. Ao contrário do que se pensa, ela exige muito talento e habilidade com a língua. Apesar de identificada como relatos de fatos do cotidiano e ser sempre encontrada em páginas de periódicos, a crônica é construída, assim como as obras literárias, a partir da visão individual do cronista e segue seu próprio estilo de linguagem. O autor Carlos Drummond de Andrade dedicou mais de cinquenta anos à atividade de cronista, deixou vários textos em prosa, impressos originalmente em jornais. Suas crônicas nada deixavam a dever em relação à genialidade de seus poemas. Usava a linguagem de maneira inteligente para dar aos seus textos a mesma densidade da poesia.

A crônica foi a expressão de uma visão do lado extraordinário das coisas comuns captadas no dia-a-dia e uma forma de compartilhá-las com o leitor. As banalidades do cotidiano eram apreendidas e evidenciadas com a riqueza de uma obra literária graças à sua capacidade, sensibilidade e perspicácia. Entre suas obras de crônicas está *Fala, amendoeira, O poder ultrajovem, Cadeira de balanço e A bolsa e a vida*.

## 4) O eu torto

### 4.1) Origem e percurso *gauches*

Em *Poema de sete faces*, texto que abre o primeiro livro de Drummond (*Alguma poesia*), o poeta manifesta sua predestinação a ser *gauche*: “Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai, Carlos, ser *gauche* na vida”. Eis aí a primeira aparição deste “personagem” que, desde então, tornou-se o adereço fundamental, através do qual podemos seguir um percurso na obra do autor.

Ainda que o termo *gauche* apareça apenas duas vezes em sua poesia, este constitui um elemento importante, pois estabeleceu a essência da personalidade do poeta ao longo de sua obra. Seu significado pode ser basicamente definido como inábil, oblíquo, à esquerda (AVOLIO, 2003, p. 107). O *gauche* é uma

representação da não adaptação do sujeito (seu interior) em relação à realidade exterior, por isso se sente deslocado.

No decorrer da poética do autor, pode-se observar vários aspectos do desenvolvimento dessa “personagem” que está sempre em progresso. É possível observar sua origem na infância, seu crescimento e a chegada à maturidade. Em *Alguma poesia* e *Brejo das almas*, ele estava apenas em uma fase embrionária; mais à frente, se desenvolve para assumir uma relação com o mundo externo, assumindo, assim, sua oposição em relação aos acontecimentos e, finalmente, alcança a plenitude de sua dialética existencial em *Claro enigma* e *Boitempo*. Tais limites não são estabelecidos de forma proposital, eles acontecem naturalmente e complementam-se.

Apesar de seu disfarce irônico, o *gauche* vai, aos poucos, mostrando os diversos lados de seu conflito: o lado cultural, o lado sentimental e o lado literário do poeta excêntrico. Esses aspectos, presentes já na primeira fase do *gauche*, revelam a constituição de um sujeito cheio de contradições, que mais tarde se transformará e irá transcender os limites físicos, procurando solucionar seus próprios conflitos na dialética da obra literária.

Na primeira aparição do *gauche*, surgem elementos através dos quais podemos procurar interpretar suas principais características neste primeiro estágio. O poeta revela certa inexperiência com o sofrimento e ingenuidade. Ele se abstrai do mundo e o critica de maneira irônica, prefere permanecer isolado e toma uma posição de contemplador. Porém, o *gauche* não possui apenas uma marginalidade social nesta fase; além de observar, mostra-se em uma posição de superioridade moral àquilo que julga com ironia. Ao mesmo tempo em que se mostra desarticulado perante a realidade, revela uma atitude conflituosa em relação ao exterior e usa a vaidade para compensar sua desvantagem perante as adversidades, conforme observamos nos seguintes versos de *Poema de sete faces*. “Mundo mundo vasto mundo, / mais vasto é meu coração”.

Na fase seguinte, quando *Sentimento do mundo* é publicado, o autor, agora maduro e consciente do seu ofício, tem a tarefa de versejar sobre o mundo de maneira atual e concreta. Não há tempo nem espaço para ilusões; a urgência em

tratar dos problemas da época não permite outras preocupações. O *gauche* é então um indivíduo em conflito com a realidade e se esforça para superá-la através da expressividade do seu “eu”. Neste momento, não há mistificações, o tempo subjetivo e o tempo social sofrem uma fusão. Os dramas do indivíduo são os mesmos de sua sociedade, há um ponto de interseção entre o “eu torto” e o todo, que não aparecia inicialmente. Esta fase é uma travessia desse “personagem”.

Em *Boitempo*, não há uma linearidade na narração, as lembranças são unidas como cacos, as memórias não aparecem de forma organizada no tempo e espaço, características próprias da infância. Resgatar esses “pedaços” torna-se uma verdadeira obsessão do poeta. Os acontecimentos, as pessoas, os antigos hábitos, as descobertas, as alegrias e medos são relatados nesse livro. Nessa fase, o poeta mostra um olhar mais experiente, consegue alcançar equilíbrio perante o mundo e estabelece um diálogo com o mesmo, considerando sua condição existencial na busca da verdade.

Independente do aspecto em que se apresenta, o *gauche* sempre aparece articulando seus dramas pessoais. Ele faz uma “atuação” através da qual representa a voz do poeta. Neste sentido, podemos observar a poesia como uma obra de ficção, na qual o poeta sempre tenta produzir o “eu” ideal, que expresse seus conflitos e sua reação diante dos acontecimentos do mundo. No caso de Drummond, o “eu torto” tem a capacidade de percorrer toda a poesia e travar um diálogo através do qual se mostra um personagem ideal ao manifestar a posição do poeta perante o mundo. Ele é uma representação do desejo de ação do autor, é na sua poesia que Drummond vive o *gauche* e faz repercutir sua voz. Como um ator, usa várias máscaras para demonstrar sua divertsificação que, ao longo da obra, se mostra integradora dos aspectos *gauches*.

#### 4.2) O anti-herói moderno

Na literatura, sempre houve o anti-herói, porém, aparecia com nomes diferentes, não caracterizado como o herói da história, pois apresentava traços de insatisfação e indisciplina. Esses personagens podem ser identificados como

ancestrais do *gauche*.

Pode-se dizer que o *gauche* é uma representação da sociedade contemporânea assim como o herói clássico representava o mundo antigo. O herói convencional sofreu uma drástica mudança de sentido, se comparado com os anti-heróis da atualidade. O *gauche* pode ser considerado um anti-herói moderno por ser rebelde e contrário às ações da humanidade.

Do ponto de vista social, cabia ao herói clássico defender o Estado e a religião juntamente com seus respectivos valores. O anti-herói moderno é excêntrico e estabelece oposição em relação aos valores convencionados pelo Estado e pela religião. Ele quer defender os direitos das camadas mais exploradas pela sociedade e se diferencia dos outros quando tenta promover a transformação da mesma. Dessa forma, ele se torna um modelo, porém não tem existência real; é um tipo imaginário a partir do qual podemos observar rebeldia e insatisfação com a sociedade moderna e seus costumes e características.

O *gauche* de Drummond inicia sua trajetória influenciado pelas palavras de um “anjo torto”. A partir daí, sua identidade é definida e incorpora, ao longo de seu caminho, as mudanças sofridas em decorrência dos acontecimentos e de suas experiências. Ao analisar a trajetória do *gauche* e a história do próprio Drummond, observamos uma fusão, ou melhor, uma convergência entre a personalidade do autor e do eu lírico do “personagem” e do escritor. Por isso, é pertinente a conclusão de que o *gauche* seria a essência da personalidade do poeta.

## 5) Ser *gauche* ou ser moderno?

### 5.1) A reação do *gauche* às complexidades do mundo moderno

Na terceira obra da poesia de Drummond, publicada em 1940, o “sentimento do mundo” se manifesta através de palavras tristes e melancólicas. O poeta se nega a pactuar com um mundo injusto, onde possíveis soluções para problemas trazidos com a modernidade são ignorados. Não aceita assistir a essa imagem sofrida

que se tornou símbolo da atualidade sem se expressar através de sua obra. Esse sentimento toma conta das metrópoles e traz para os homens incompreensão e desesperança. Há uma visão pessimista do mundo que se contrapõe à esperança da utopia. O poeta tenta se recolher e só assim acredita poder esquecer, mesmo que passageiramente, suas angústias.

O “sentimento do mundo” é apresentado como elemento concreto e tem um objetivo político quando exposto no livro que leva por título essa expressão. Nessa obra, Drummond fala da modernidade e de seus percalços. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, as reações, opiniões e sentimentos do ser humano se confundem. Como é possível conviver com problemas tão graves, o que fazer? Como influenciar de forma benéfica? Como suportar a vida em meio a tamanhas adversidades? Será possível assistir ao sofrimento dos outros sem poder fazer nada? É então que Drummond se vê incumbido em uma missão de demonstração de seu sentimento e mobilização das pessoas através de sua poesia, aspectos claramente demonstrados no poema “Sentimento do mundo”:

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu  
Estará morto e saqueado,  
Eu mesmo estarei morto,  
Morto o meu desejo, morto  
O pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram  
que havia uma guerra  
e era necessário  
trazer fogo e alimento.

Sinto-me disperso,  
anterior a fronteiras,  
humildemente vos peço  
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desfiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microscopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados  
ao amanhecer

esse amanhecer  
mais noite que a noite.

Nesse poema, Drummond demonstra seu sofrimento diante dos acontecimentos. A guerra apresenta-se como um transtorno para aqueles que têm sensibilidade. Já na primeira estrofe, o poeta expõe sua angústia e rebeldia, lamenta a incapacidade de exercer influência sobre os acontecimentos a sua volta. Suas memórias e seu passado são um peso para a própria consciência e, embora esteja melancólico, se entrega a um sentimento nobre: o amor. É possível observar a personalidade *gauche* nestes versos: um ser moderno não teria tais sentimentos, ele teria a frieza de encarar as barbaridades do mundo como parte do processo de evolução da sociedade; o *gauche* comove-se e tenta absorver os sentimentos de todas as pessoas, pois não deseja permanecer alheio aos mesmos.

Na segunda estrofe, há um desgaste do eu lírico como consequência de sua comoção em relação aos outros, além do desgaste causado pelo seu próprio sentimento. A exaustão culmina em uma possível morte do próprio sujeito, dos desejos, das coisas; esta, por sua vez, representa o abalo sofrido por ele e pelos elementos que o cercam.

A ingenuidade e a sensação de despreparo estão presentes na terceira estrofe. O não reconhecimento da guerra e a consequente indisposição em enfrentá-la fazem

com que o eu lírico se sinta culpado por não estar pronto para tal desafio, quando tantos têm a obrigação de vivê-la. Mais uma vez, o poeta se solidariza com o mundo e com as pessoas que o cercam.

Uma solidão devastadora aparece na quarta estrofe; as pessoas não apresentam reações ou características que lhe são próprias, elas se transformam em corpos e passam friamente pelo poeta. Agora ele está só e tem apenas recordações do tempo em que sentia o calor humano daquelas pessoas. Todos se foram e agora só resta uma lembrança e o vazio, representados na última estrofe por um amanhecer com características de uma noite triste, solitária e sombria.

No poema “Sentimento do mundo”, o *gauche* assume uma posição diante dos acontecimentos e se envolve com a realidade que o cerca. Nessa fase da poesia de Drummond, podemos afirmar seu engajamento em relação aos percalços pelos quais a sociedade moderna estava passando. Como dito anteriormente, o *gauche* representa a essência da personalidade do poeta, suas reações ao longo do poema são características deste “personagem”. Por mais que estabeleça um processo de relação com o mundo nesta fase, o *gauche* continua desajustado e não adaptado à realidade.

Ainda no mesmo livro, em “Os ombros suportam o mundo”, podemos perceber certo amadurecimento do eu lírico. A voz do poeta demonstra ali uma visão mais experiente: ao entender a grandeza dos problemas que o atormentavam, resolve assumir apenas a sua parte:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração .  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.

Nesse poema, o eu lírico se apresenta descrente do amor, sua evidente exaustão resulta em uma existência desvinculada do desejo de interferência na realidade. Deseja apenas existir e seu coração não tem mais sensibilidade. Está alheio aos outros e nada mais o comove. Não espera companheirismo ou atenção de seus próprios amigos. Depois de tantos percalços, ele já não sofre, apenas existe. O envelhecimento não o assusta mais, pois seus ombros podem suportar todo o peso do mundo. Porém, o mundo não pesa mais como antes, agora “o sentimento do mundo” não é mais o mesmo.

Após um longo período de envolvimento e sensibilização, chega um tempo de “absoluta depuração”, no qual o poeta resolve assumir apenas o peso que lhe cabe, não consegue mais conviver com a consciência dos problemas e do sofrimento de toda a humanidade. Agora é possível suportar o mundo, pois a parte que lhe cabe “não pesa mais que a mão de uma criança”.

Ao citar vários problemas da sociedade moderna, “as guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios”, o poeta demonstra suas preocupações, mas se nega a vivê-las. Faz uma observação em torno daqueles que ainda observam e se comovem com a barbaridade dos acontecimentos: talvez eles preferissem a morte,

porém “não adianta morrer”, é preciso apenas existir e seguir com a vida sem ilusões ou fantasias, pois “a vida é uma ordem”.

Em “Os ombros suportam o mundo”, o desejo revolucionário do *gauche* aparece tolhido e desiludido, sua sensibilidade é afetada pela exaustão; ele está disposto a lidar apenas com seus respectivos problemas e não tem mais desejos. Diante de tal reação, é possível observar a rebeldia do *gauche* ao deparar-se com uma realidade distante da que considera ideal e, após “lutar” para modificá-la, não reconhece nenhum resultado. Assim, esse “personagem” se manifesta mais uma vez com a mesma personalidade em diferentes circunstâncias.

## 5.2) A distância entre o *ser gauche* e o *ser moderno*

Na atualidade, o nosso sentimento do mundo não é diferente daquele descrito em 1940 por Drummond. As várias facetas que constituem o mundo moderno obedecem a uma única ordem: viver. A Drummond, nessa fase um poeta já amadurecido e consciente de seu ofício e função, compete a tarefa de dar concretude a esse sentimento.

Drummond se lança a uma análise do mundo sem esquecer sua origem mineira; portanto, não há por que buscar em sua poesia a clássica oposição entre o local e o universal, equilíbrios e desequilíbrios, região e mundo, compromissos e contradições, tão comuns na crítica literária. De acordo com Santiago (2005), depois do escritor Machado de Assis, é Drummond com o seu “sentimento do mundo” quem tem uma visão simultânea e, ao mesmo tempo, responsável dos acontecimentos sócio-políticos e econômicos. Sua poesia expressa uma certeza a respeito do espaço e geografia mundiais e também a respeito da história.

Ainda considerando a análise de Santiago, observamos na obra *Sentimento do mundo* que Itabira, cidade natal de Drummond, é um lugar de acontecimentos simultâneos e o poeta um privilegiado observador. É possível fazer uma comparação como se a cidade fosse um jornal diário e o poeta o leitor crítico. Tal lugar privilegiado de observação e escuta apresenta-se como o centro da margem do mundo capitalista. Ali, neste local solitário, o coração do poeta se sensibiliza por

todos aqueles que são excluídos e marginalizados pela centralização do capital, concretizada através de um modelo econômico injusto.

Nesse mundo, onde todas as pessoas estão empenhadas nas batalhas contemporâneas de liberação, é natural que o poeta abra mão dos valores de classe, para poder entender a realidade. Seguindo o exemplo de Santiago, tomamos como objeto de estudo o trabalhador descrito em “O operário no mar”:

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder opositor vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está a caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige

um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei? (ANDRADE, 2005, p.29)

“Para onde vai o operário?”, pergunta o poeta ao analisar a ignorância desse homem que está alienado às informações. Entre a ignorância dele e a lucidez do poeta, entre as diferenças de suas classes sociais, todos buscam o mesmo fim; porém, há entre eles um abismo. O Estado tem seus meios de iludir e manipular pessoas como esse trabalhador para continuar a controlar a massa, que permanece inerte e ignora a injustiça de sua própria condição.

No momento em que o operário procura finalizar sua caminhada é que surge certa comunicação entre o observador e o observado: nenhuma palavra, apenas um sorriso. O poeta interpreta o sorriso já que não houve palavras durante a comunicação e, finalmente, constata “Sim, quem sabe se um dia eu o compreenderei”.

O texto “O operário no mar” retrata de forma brilhante e precisa a condição da grande classe trabalhadora que surgiu graças à industrialização e permanece em desvantagem por viver em um regime capitalista. O operário faz parte da modernidade, ao contrário do *gauche*; o operário aceita e encaixa-se perfeitamente nos padrões da modernidade.

*Sentimento do mundo* faz uma minuciosa descrição dos tempos modernos e dramatiza, de forma incontestável e original, os percalços da vontade revolucionária do autor que, seguindo seu espírito *gauche*, tenta desprender-se das palavras escritas e trazê-las para a prática. Depara-se, contudo, com o próprio medo, muito bem descrito nesse livro através do poema “Congresso Internacional do Medo”. Ao ver

sua vontade revolucionária restrita ao papel, o poeta perde o próprio sentido de ser em uma realidade que acabou corroendo seus sonhos mais otimistas.

## 6) Considerações finais

Após verificar, através da história, as mudanças e transformações pelas quais o mundo moderno passou, é pertinente a afirmação de que tais acontecimentos influenciaram profundamente no modo de vida e na formação da sociedade como a conhecemos. Conseqüentemente, isso afetou também as produções literárias, que sempre serviram como forma de expressão das reações do ser humano com contexto histórico em que está inserido. Drummond também foi influenciado pelos acontecimentos de seu tempo, o que é claramente perceptível no livro *Sentimento do mundo*; sua produção, nessa obra, faz alusão recorrente, por exemplo, à Segunda Guerra Mundial.

Em seus poemas, Carlos Drummond de Andrade expressa os grandes acontecimentos sociais do século XX, recorrendo ao procedimento de constituição de uma auto-análise. O poeta junta a auto-análise uma reflexão poética subjetiva, porém, perfeitamente aplicável à realidade do sujeito moderno. O ritmo de suas produções avançava em conjunto com os acontecimentos a sua volta. O leitor de Drummond deve associar as experiências vividas pelo autor para analisar seus significados, e, assim, compreender seus poemas no contexto da modernidade.

Em face à Modernidade, a Literatura Brasileira sofreu grandes modificações. O movimento modernista brasileiro, consolidado em 1922 com a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo, introduziu na cultura brasileira uma concepção de vanguarda, abrindo espaço para o novo e revolucionando a atividade artística no país. O antipurismo e anti-academicismo, a negação da tradição cultural, o uso de versos livres, a liberdade de criação, o nacionalismo crítico, ironia e irreverência são características marcantes dessa fase.

A 2ª Geração do Modernismo alcançou a estabilidade e acrescentou à herança de 22 o aprimoramento de linguagem, a busca da expressão universal, o engajamento

social e a denúncia das condições humanas. Foi durante essa fase que Drummond surgiu no cenário da literatura brasileira, empenhado em continuar o roteiro de liberação estética proposto pela 1ª Geração e em mostrar as notações populares e valores autobiográficos de sua obra. Hoje, Carlos Drummond de Andrade é considerado uma das maiores expressões da poesia lírica do movimento modernista brasileiro. Sua poesia se abre para captar aspectos individuais e sociais que compõem a realidade mundial.

Drummond, através de seus disfarces e movimentos “gaucheanos”, encena, por meio de sua poética, a vida moderna brasileira em seus diferentes momentos, demonstrando uma inquietação permanente diante dos conturbados contextos que perfaziam o Brasil e o mundo. Dessa maneira, o poeta apresenta múltiplas tentativas de soluções para a angústia do sujeito moderno que perdeu seu centro identitário, ostentando-as como máscaras que escondem e explicitam o vazio por detrás de verdades que se querem unas e permanentes.

Após uma pesquisa detalhada é preciso analisar se Drummond realmente foi *gauche*. Durante os estudos feitos acerca da temática *gauche*, tornou-se impossível não relacionar este “personagem” com o próprio autor. Ele pode ser visto como uma manifestação da personalidade do poeta e de seu desejo revolucionário. Porém, a constatação de que tal manifestação ficou restrita apenas ao papel – pois é impossível um ser humano sozinho conseguir mudar o mundo – mostrou a Drummond aquilo que não estava ao seu alcance. O tempo era de encerrar as buscas, parar de perseguir o impossível e apenas viver, sem ilusões.

As palavras de um poeta são suas mais importantes ações; através delas ele consegue sensibilizar a sociedade e explicitar suas mais íntimas inquietações. Sob esse ponto de vista, podemos considerar que Drummond cumpriu a sua sina e foi “*gauche* na vida”. Sua obra foi muito importante; através dela o autor influenciou muitos e tornou-se uma das mais importantes expressões literárias deste país.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 54ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Fala, amendoeira**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Poesia e prosa**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Sentimento do mundo**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.
- AULETE, Caldas. **Minidicionário Contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 896 p.
- AVOLIO, Jelssa Ciardi. Gauche. In: MICHAELIS: minidicionário francês: francês-português, português-francês. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003. p.107.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003.
- FUKS, Julián. et al. Dossiê Carlos Drummond de Andrade. **ENTRELIVROS**, São Paulo, v. 25, 25:22-52, mar. 2007.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: \_\_\_\_\_. **O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. pp. 25-44.
- KUJAWSKI, Gilberto de Melo. **A crise do século XX**. São Paulo: Ática, 1991.
- MARX, Karl; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César Amad. **História Moderna e Contemporânea**. 6ª ed. São Paulo: Scipione, 1996.
- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond, o gauche no tempo**. 4ª ed. Rio de Janeiro:

\_\_\_\_\_. **Por um novo conceito de Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1977.

\* **Samira Massad Borges**, Graduada em Letras pelo UNIARAXA.

\*\* **Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha** é Mestre e Doutora em Letras pela USP, Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia e Professora do UNIARAXÁ. Orientadora do trabalho.

**Endereço eletrônico:** betina@ufu.br

<sup>3</sup> Oblíquo, torcido, desviado.

---

**Abstract** – This article aims at analyzing the term *gauche* as a Carlos Drummond de Andrade's creation. Thus, it can be understood as a poetic strategy that allows certain representation of the modern subject function: a subject who suffers before questions that concern him once he belongs to a social and historical situation named Modernity. This functioning is demonstrated along analyses of a few poems selected from *Sentimento do mundo*. Analyses allows relating the term “gauche” as a character representing the author himself, who feels compelled to fulfill a play as both a poet and a revolutionary before Modernity.

**Key-words:** Carlos Drummond de Andrade, *gauche*, modernity, representation.

---